

A existência de Deus para Santo Anselmo e Alvin Plantinga

The existence of God for Saint Anselm and Alvin Plantinga

Elciene Alves Ferreira de Oliveira

Mestranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

elcienealves27@edu.unisinos.br

<http://lattes.cnpq.br/356604071625752>

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o argumento de Santo Anselmo, relativo à existência de Deus, bem como, expor algumas contribuições de Alvin Plantinga, que promovem um fortalecimento do argumento de Santo Anselmo, sobretudo através da análise da sua versão modal, abordado no terceiro capítulo do *Proslogion*, ressignificando e colaborando expressivamente para a promoção deste debate, no contexto da filosofia analítica da religião. Este trabalho está estruturado com os seguintes tópicos: inicialmente, apresentamos a existência de Deus no argumento ontológico de Santo Anselmo, tendo por base o *Proslogion*, além de outros comentadores da obra e em seguida, buscamos mostrar a abordagem de Alvin Plantinga que analisa o conceito de Deus e sua existência, enfatizando a versão modal do argumento anselmiano. Nas considerações analíticas, refletimos os argumentos de Santo Anselmo e Plantinga, bem como, de que forma Plantinga contribui para confirmar e fortalecer o argumento anselmiano quanto à existência de Deus.

Palavras-chave: Santo Anselmo. Alvin Plantinga. *Proslogion*. Existência de Deus.

Abstract

This paper aims to present the argument of Santo Anselm, regarding the existence of God, as well as to expose some contributions of Alvin Plantinga, which promote a strengthening of the Saint Anselm argument, mainly through the analysis of its modal version, approached in the third chapter of the *Proslogion*, re-signifying and collaborating expressively for the promotion of this debate, in the context of the analytical philosophy of religion. This paper is structured with the following topics: initially, we present the existence of God in the ontological argument of Saint Anselm, based on the *Proslogion*, in addition to other commentators of this book and then, we seek to show the approach of Alvin Plantinga that analyzes the



concept of God and his existence, emphasizing the modal version of the Saint Anselm argument. In the analytical considerations, we reflect the arguments of Saint Anselm and Plantinga, as well as, how Plantinga contributes to confirm and strengthen the Saint Anselm argument regarding the existence of God.

Keywords: Saint Anselm. Alvin Plantinga. Proslogion. Existence of God.

Introdução

Santo Anselmo (1033-1109) não tinha como imaginar que sua obra intitulada “*Proslogion seu Alloquium de Dei existentia*”, escrita entre os anos de 1077 e 1078, viria a se tornar conhecida em todo o mundo, sendo um escrito filosófico dentre os mais revisitados do pensamento ocidental. Santo Anselmo ao provocar o desafio de provar a existência de Deus, “na realidade (*in re*) e não apenas na mente (*in mente*)”, atraiu também a atenção de inúmeros pensadores para esta reflexão (ROSA, 2008). De modo que a força deste argumento, sua ousadia e originalidade, tem marcado a história, com incontáveis proposições neste sentido, sendo muito acolhido e bem como criticado, ora ignorado, e em muitas outras vezes resgatado e redirecionado ao debate que não se encerra, visto que, continua alimentando outras versões, outros argumentos e abordagens a respeito da existência de Deus.

Isto posto, propomos neste escrito, apresentar o argumento de Santo Anselmo, relativo à existência de Deus; bem como, expor algumas contribuições de Alvin Plantinga (1932), que promovem um fortalecimento do argumento anselmiano, sobretudo através da análise da sua versão modal, presente no terceiro capítulo do *Proslogion*; ressignificando-a e colaborando significativamente para a promoção deste debate, diante da filosofia analítica da religião. Assim, pretendemos refletir sobre a seguinte questão: de que forma o argumento de Plantinga contribui para confirmar o argumento anselmiano quanto à existência de Deus?

No *Proslogion* (1077-1078), acessamos o pensamento de Santo Anselmo, na sua originalidade, permeada por uma fala franca e genuína, que busca expressar uma compreensão da existência de Deus que está além das palavras, algo que emana de um coração que crê e que busca se traduzir numa compreensão que não se limita ao simples conceito, mas se amplia ao entendimento da sua essência.

Este trabalho está estruturado nos seguintes tópicos: inicialmente, apresentamos o argumento ontológico de Santo Anselmo em relação à existência de Deus, tendo por base a sua obra: *Proslogion*, além de outros comentadores e em seguida, buscamos apresentar a abordagem de



Alvin Plantinga, que analisa o conceito de Deus e sua existência, enfatizando a versão modal do argumento anselmiano. Nas considerações analíticas, refletimos os argumentos de Anselmo e Plantinga, bem como, de que forma Plantinga contribui para confirmar e fortalecer o argumento anselmiano quanto à existência de Deus.

A existência de Deus em Santo Anselmo

Anselmo (1033-1109), nascido numa família de linhagem nobre, foi um dos mais importantes pensadores medievais, considerado o pai da Escolástica. Nasceu em Aosta, no Norte da Itália onde aprendeu a amar e a conhecer a Deus com sua mãe, bem como, através da sua formação inicial, junto aos beneditinos da região, de modo que já pensava em tornar-se monge, mas não contava com a anuência de seus pais. Após a morte de sua mãe, seu pai decidiu ingressar num mosteiro, então, aos 24 anos Anselmo de Aosta foi em busca dos melhores mestres. Assim, conheceu Lanfranco de Paiva, famoso por suas aulas em Avranches. Quando este foi ensinar e assumir o priorado na Abadia de Bec, Anselmo o acompanhou e ali decidiu permanecer e dedicar-se a Deus, vindo a suceder Lanfranco, como o prior do Mosteiro de Bec. Em 1066, Santo Anselmo tornou-se abade no lugar de Lanfranco, então nomeado Arcebispo de Cantuária. Após a morte deste, o Rei da Inglaterra, Guilherme II, em 1093, indicou Anselmo para Arcebispo de Cantuária; seguindo assim, os passos de seu mestre (LIBERA, 2001)

No priorado do Mosteiro de Bec, de 1073 a 1085, Anselmo produziu a maior parte de suas obras, dentre elas estão: *Preces e Meditações* (1073-1085), iniciada antes do priorado, o *Monologion* (1076), o *Proslogion* (1077-1078), bem como quatro diálogos: *De Veritate*, *De Libertate arbitri*, *De Casu diaboli* e *De Grammatico*. Estas obras atestam o direcionamento de seus ensinamentos, retratando que: “A verdade nada mais é que a justiça, que é retidão, e Deus é a fonte da Verdade. [...] Anselmo faz de Bec um centro radiante de vida espiritual” (LIBERA, 2001, p. 45-46). Sob a direção do Abade, o Mosteiro de Bec, alcançou seu ápice, enobrecendo a Normandia e a Inglaterra. Apesar da sua simplicidade, o abade era admirado ainda, por sua amabilidade e extrema dedicação aos estudos, de modo que, através de seus escritos, apontou novos caminhos para o estudo da Teologia, marcados pela profundidade na manifestação de suas ideias, brandura no seu processo de investigação e ousadia nas suas concepções metafísicas, não distanciando o terreno da fé tradicional.

Com o intuito de atender ao pedido dos Monges, Anselmo se ocupou da busca por uma prova da existência de Deus, escrevendo, a princípio, o *Monologion*, onde desenvolveu uma



meditação sobre a essência divina. A originalidade de seu método, foi vista com espanto por Lanfranco, ao basear-se apenas na razão. “Os quatro primeiros capítulos do *Monologion* desenvolvem as provas que foram denominadas provas físicas da existência de Deus” (LIBERA, 2001, p. 47). Entretanto, diante de sua complexidade no encadeamento de suas argumentações, o Abade de Bec não se sentiu satisfeito, entendendo que era necessário apresentar uma prova que só precisasse de si mesma para constatar a existência de Deus. Desse modo, passou cerca de dois anos escrevendo a obra que o tornou célebre no mundo filosófico, o *Proslogion*.

O *Proslogion*

O *Proslogion* de Santo Anselmo apresenta o primeiro argumento ontológico e “deve ser entendido na continuidade do *Monologion*, como busca de um único argumento que garanta por si a existência de Deus e possibilite alcançar a sua essência” (ROSA; PEREIRA, 1997). É portanto, resultante de uma inquietação do Abade, no seu esforço em explicar através da razão, o que já estava implícito na sua fé, acerca da essência de Deus, conforme sintetiza no primeiro título desta obra “*fides quaerens intellectum*”, que significa: “‘a fé buscando o intelecto’ e, numa tradução mais fiel ao espírito, ‘a fé em busca de inteligência’, ‘a fé procurando compreensão’” (ROSA; PEREIRA, 1997. Desse modo, qualificado por sua especificidade na forma de comunicar ao próprio Deus, a sua existência, o *Proslogion*, para Pereira:

É uma espécie de ‘discurso mágico’ [...]. Destacamos ainda a forma como nos é transmitido - não é num tratado de metafísica, ou de teologia, de características impessoais, mas uma alocação, uma oração filosófica dirigida ao próprio Deus. (PEREIRA, 2009, p. 333).

Esta forma genuína e sincera de se dirigir a Deus, pode ser verificada em toda a escrita da obra, denotando sua originalidade e esforço filosófico-teológico de Anselmo, sobretudo, diante da forma como ele constrói gradativamente o seu argumento. Ele vai deslizando a sua pena para registrar o que, ora parece um diálogo, um desabafo, ora um questionamento ou súplica a Deus, ou ainda se manifesta como uma meditação, prédica ou contemplação, numa intensa reflexão dialética, partindo de uma constatação interior, do crer para compreender, para em forma de oração, apresentar sua constatação e argumentos acerca de Deus, conforme descreve:

Depois de ter publicado, sob instantes rogos de alguns irmãos, um opúsculo ‘*Monologion*’ como exemplo de uma meditação sobre a razão da fé, em nome daquele que raciocina em silêncio consigo próprio e investiga o que desconhece; considerando que esse ‘opúsculo’ era composto pela concatenação de múltiplos



argumentos, comecei a perguntar a mim próprio se, por acaso, poderia encontrar-se um único argumento que não necessitasse de nenhum outro para se demonstrar, e que bastasse por si mesmo para garantir que Deus existe verdadeiramente, que ele é o Sumo Bem, sem nada de outra coisa precisar, do qual todas as coisas tem necessidade para existir, e bem existir, em suma, tudo o que nós acreditamos da substância divina (ANSELMO, 2008, p. 7).

Percebemos portanto, que o *Proslogion*, a principal obra de Anselmo da Cantuária, foi gestado a partir de suas motivações e inquietações, no sentido de encontrar um argumento apenas, que bastasse em si mesmo para provar que verdadeiramente Deus existe. Neste sentido, Anselmo (2008, p. 8) declarou: “escrevi o presente opúsculo sobre este mesmo assunto e alguns outros, em nome daquela pessoa que se esforça por elevar o seu espírito à contemplação de Deus e procura compreender o que crê”, buscando harmonizar razão e fé, para através do exercício da razão confirmar o que já se encontrava implícito em sua fé.

O argumento de Santo Anselmo

No *Proslogion*, distribuído em vinte e seis capítulos, analisaremos os capítulos dois e três, que tratam dos principais argumentos a respeito da existência de Deus: “Que Deus existe verdadeiramente” (capítulo II) e “É impossível pensar que Deus não exista” (capítulo III); a partir do princípio de que o lema do Abade é acreditar para compreender. Rosa e Pereira ressaltam que, para entender Anselmo é necessário situar-se no nível ontológico, visto que, para ele o pensar e ser não estão dissociados, bem como, razão e fé. Assim, ponderam que:

Há uma profunda confiança na lógica da argumentação. Daí a certeza clara na possibilidade de demonstração racional da existência de Deus. Não é, reitera-se, nem uma diatribe filosófica, nem uma prova suplementar: é o coração de uma meditação espiritual: que supõe sempre da parte de quem Iê ‘*rectitudo cordis*’, uma ‘rectidão de coração’, ou seja, uma disposição sincera de alcançar a verdade, uma boa vontade. O argumento não pode funcionar, portanto, se, por um lado, não se acreditar na validade da argumentação lógica em geral e se, por outro, não houver sinceridade em quem procura. Envolve, assim, o homem todo; não é só a razão, não é só a fé, mas o homem todo que pretende compreender (ROSA; PEREIRA, 1977, p. 9).

Destarte, o argumento de Anselmo não se cerca de provas subsidiárias, tendo por base sua fé e razão, de modo que: “não demonstra a existência de Deus a partir de simples conceitos mas de uma genuína intelecção da sua essência” (PEREIRA, 2009, p. 334). Este argumento foi adjetivado por Immanuel Kant de ‘ontológico’, ponderando a anuência de Descartes – V Meditação; e posteriormente, foi concebido como argumento lógico ou a priori.



Configurado por sua beleza literária e distinta conexão entre a prece e a dialética, o *Proslogion* se constitui num discurso que se dirige à alma humana e a Deus: “Ensina-me a procurar-te e mostra-te àquele que te procura, porque não te posso procurar se tu não me ensinas, nem encontrar-te se não te mostras. Que te busque desejando e te deseje buscando. Que te encontre amando e te ame encontrando (ANSELMO, 2008, p. 11). É desta procura de Deus que emana este célebre opúsculo, o *Proslogion*, destacando seu principal argumento em defesa da necessária existência de Deus. Segundo Martins (2009, p.42): “esta oração deve ser entendida como expressão de uma espiritualidade que segue as exigências de uma fé viva, resultante do amor”; ressaltando as impressões pessoais do Abade nesta oração filosófica dirigida ao próprio Deus. Conforme resalta Martines (2009, p. 41):

Esta oração do *Proslogion* apresenta uma rica forma literária - no uso que faz das rimas, das antíteses e paralelismos gramaticais - e um teor espiritual explicitado no desejo do homem elevar seu espírito para entender aquilo que crê, a fim de contemplar Deus. [...]. Sua finalidade é explícita: exortar o homem a procurar Deus, de acordo com as palavras bíblicas: ‘procuro teu rosto, teu rosto, eu procuro’ (Sl 26,8).

Decerto, o *Proslogion* é escrito como uma oração que acolhe a dupla intenção do Abade, busca no segundo capítulo: “demonstrar que Deus existe [...], nos capítulos seguintes, demonstrar que Deus é de fato o tipo de Deus no qual os cristãos acreditam. Ele trabalha com as qualidades divinas tradicionais para demonstrar que é racional acreditar nelas” (WILLKINSON; CAMPBELL, 2014, p.138). Neste contexto, Glymour (2015, p. 16), apresenta uma análise do argumento (capítulo III), a partir da seguinte estrutura lógica (*tradução minha*¹):

Premissa 1: Podemos conceber um ser do qual nada maior pode ser concebido.
Premissa 2: O que quer que seja concebido existe no entendimento de quem o concebe.
Premissa 3: Aquilo que existe no universo de quem o concebe e também existe na realidade é maior do que algo similar que existe apenas no entendimento de quem o concebe. Portanto, um ser concebido, do qual nada maior pode ser concebido, deve existir na realidade assim como no entendimento.
Premissa 4: Deus é um ser do qual nada maior pode ser concebido.
Conclusão: Deus existe na realidade.

¹ Análise do argumento anselmiano, conforme texto original, referendado por Glymour (2015, p. 16): Premise 1: We can conceive of a being than which none greater can be conceived. Premise 2: Whatever is conceived exists in the understanding of the conceiver. Premise 3: That which exists in the understanding of a conceiver and also exists in reality is greater than an otherwise similar thing that exists only in the understanding of a conceiver. Therefore, a being conceived, than which none greater can be conceived, must exist in reality as well as in the understanding. Premise 4: God is a being than which none greater can be conceived. Conclusion: God exists in reality.



Portanto, conforme conclui Glymour, Deus existe na realidade, considerando que o argumento anselmiano visa promover demonstrações de suas conclusões, partindo de premissas perfeitamente incontrovertidas. Desse modo, estes argumentos mostram que a verdade das premissas necessita da verdade das conclusões. Neste mesmo sentido, Rosa e Pereira consideram que:

A partir da noção de Deus dada pela fé, ‘alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado’, e do assentimento desta noção pelo intelecto - ainda que, como no caso do insensato, aceite essa noção *‘in mento’* (na mente), mas não *‘in re’* (na realidade) - chega-se necessariamente à conclusão da existência verdadeira de Deus. O fio da argumentação que permite o trânsito da existência de Deus na mente para a existência na realidade é suportado pelos princípios lógicos, mormente pelo princípio de não-contradição: ‘uma coisa não pode ser e não-ser ao mesmo tempo, sob a mesmo ponto de vista’. É com este princípio, numa análise cerrada à noção de Deus que o insensato tem no intelecto, que Santo Anselmo conclui pela necessidade da existência de Deus também na realidade, isto é, em si mesmo. Porque seria absurda a afirmação de que Deus é simultaneamente ‘aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado’ sem se aceitar também que exista realmente. (ROSA; PEREIRA, 1997, p.35)

No processo de construção de seu argumento Santo Anselmo (2008, p. 7) relata que afligiu-se muito por uma resposta que tardou a chegar, silenciou-se, isolou-se, questionou-se: Como explicar a existência de um ser que já era real no seu pensamento, já estava presente nas suas orações, já influenciava seu estilo de vida, mas faltava um caminho para encontrá-lo através da razão? Como chegar à verdade da sua fé? Como encontrar um argumento válido, por si mesmo, que alcançasse o entendimento de Deus e que lhe permitisse demonstrar que Ele existia, verdadeiramente? Então, Anselmo (2008, p.12-13) se sentiu agraciado quando chegou a um entendimento, declarado em forma de oração: “Nós acreditamos, com efeito, que tu és alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado”. E logo, reporta-se ao insensato quando diz em seu coração: “Deus não existe”. Como o insensato é capaz de imaginar, no seu intelecto, “um ser maior do que o qual nada pode ser concebido”, e este ser não existir, antes, no seu entendimento; se um ser concebido, do qual nada maior pode ser concebido, deve existir na realidade assim como no entendimento?

Assim, Santo Anselmo (2008, p.12-13) argumenta que um ser maior do que o qual nada pode ser pensado, deve existir não apenas no intelecto, mas também na realidade. Porque, se no intelecto, ele é; logo, na realidade, ele existe. Como Deus é um Ser do qual nada maior pode ser concebido; então, Deus existe na realidade. E se na realidade existe, verdadeiramente Deus existe. Desse modo, é impossível pensar que Deus não exista, conclui ele.



O argumento ontológico e a prova modal em Alvin Plantinga

O *Proslogion*, na história da filosofia, tornou-se célebre, diante da reconhecida repercussão do argumento ontológico de Santo Anselmo, enquanto prova da existência de Deus. Segundo Libera (2001, p. 48): “A obra começa com uma longa oração em que se reconhece o estilo de Agostinho. [...] O filósofo constata a presença na inteligência de uma entidade irreduzível que goza de propriedade particulares”. Assim, Anselmo defende a ideia de que é impossível pensar que Deus não exista; desencadeando, de forma dialética, uma apresentação de argumentos que sustentem sua premissa.

Diante disso, é possível verificarmos uma vasta gama de pensadores se posicionando de modo a convergirem, aceitando a validade do argumento, ou refutarem, negando o argumento anselmiano ou criticando-o, ou ainda, apresentando novas considerações. Neste sentido, alguns dos maiores pensadores se dividem, na apresentação do *Proslogion seu Alloquium de Dei existentia*, conforme observa Rosa (In: ANSELMO, 2008, p. 3):

Boaventura (1221-1274) aceita-o como válido; São Tomás de Aquino nega a sua validade; Descartes, Leibniz e Hegel aceitam-no; Kant rejeita-o porque a existência não é um predicado demonstrável, [...] e apoda-o de “argumento ontológico” precisamente porque pretende deduzir da existência de Deus in mente a existência de Deus in re. E continua a ser ainda hoje um dos argumentos mais revisitados e debatidos em sede da Filosofia Analítica da religião.

Pereira (2009, p. 335) ressalta que, a partir da segunda metade do século XX, o argumento anselmiano recebeu uma nova vida através de alguns pensadores, como Charles Hartshorne, Norman Malcolm, John Findlay e Alvin Plantinga, que constatam que Hume e Kant haviam criticado apenas a versão fraca do argumento ontológico, presente no capítulo II; entretanto, perceberam significativo potencial na versão modal do *Proslogion* de Santo Anselmo - capítulo III que passou a ser explorada a partir de então. Nesse contexto, analisaremos apenas as considerações de Alvin Plantinga, reconhecido pela sua versão do argumento ontológico que utiliza a semântica da lógica modal - possibilidade, necessidade e mundos possíveis para provar a existência de Deus no mundo atual, enquanto ser maximamente grandioso.

Alvin Plantinga, uma argumentação ontológica-modal convergente

Alvin Plantinga (1932), filósofo teísta, analítico americano, um dos mais influentes filósofos contemporâneos, reconhecido em 2017 com o prêmio *Templeton*, por seu rigoroso trabalho em epistemologia, metafísica e filosofia da religião. Desde 1961, tem se dedicado a analisar o



argumento anselmiano, buscando de forma bastante sistemática e acurada fundamentar uma argumentação válida e sem ambiguidades da existência de Deus a partir de uma ressignificação das versões modais. A importância de Plantinga e de Norman Malcolm (1911-1990), é ressaltada por Pereira, diante do impacto que suas contribuições filosóficas ocasionaram na filosofia contemporânea, no que se refere à existência de Deus. Neste sentido, ela afirma que:

[...] Não é despidendo dizer que as suas provas modais (para além da inovação lógica que as de Plantinga exibem), tiveram a faculdade de inscrever a questão da existência de Deus no âmago da filosofia analítica, que desde o início do séc. XX era dominada pelo ateísmo, e instauraram a possibilidade de a teologia natural integrar a precisão e a perspicuidade que é seu apanágio (PEREIRA, 2009, p. 335-336).

O argumento ontológico desenvolvido por Plantinga apresenta uma estratégia de maior sofisticação em relação à abordagens anteriormente desenvolvidas a respeito da existência de Deus. A sua obra, *The Nature of Necessity*(1974), contempla “uma ampla e complexa teoria modal que, em particular, abriga o argumento ontológico, razão por que ele é um modalista de significativa importância” (GOMES, 2011, p. 51). Desse modo, vale destacar que, o argumento ontológico de Anselmo concilia profundamente a ontologia e as modalidades, de modo que:

[...] A noção de perfeição de um ser afecta a sua existência necessária e a noção de que a existência de um ser perfeito é logicamente possível constituem um modo de restituir as duas premissas que devem levar à conclusão de que o ser perfeito existe (PEREIRA, 2009, p. 349).

Plantinga em sua versão do argumento ontológico, procura afastar-se do conceito de ser ilimitado, buscando argumentar com base em duas premissas: excelência máxima e grandeza máxima; determinadas na base do seu argumento, que constitui-se em: “(A) A propriedade grandeza máxima implica estritamente excelência máxima em qualquer mundo possível; (B) A propriedade excelência máxima implica estritamente onipotência, onisciência e perfeição moral” (GOMES, 2011, p. 52). Neste sentido, Plantinga entende que a grandeza e a excelência são diferentes, considerando que, num certo mundo, a excelência de um ente depende das suas qualidades nesse mundo, já a grandeza no citado mundo, vai depender da sua excelência nesse mundo, bem como, da sua excelência noutros mundos. Sendo que, excelência implica nas propriedades boas de um ser no mundo, e grandeza as propriedades de um ser com excelência em todos os mundos possíveis. Então, “a existência e a essência necessárias não são perfeições, mas condições necessárias delas. O cerne



do argumento modal está na conjunção dos atributos divinos e da existência necessária que os possui” (PEREIRA, 2009, p. 348).

Assim, na fórmula anselmiana, Deus é reconhecido como “algo maior do que o qual nada se pode pensar”; em Plantinga, sintetiza-se na “grandeza insuperável” ou “excelência máxima” em todo o mundo possível. Conforme sequencia Pereira na abordagem conclusiva do argumento de Plantinga:

Ao ser perfeito não basta ser perfeito porque as suas perfeições são de tal maneira que têm que existir necessariamente e ser a fonte e o fundamento de todas as perfeições que existem ou possam existir noutros mundos. Por esta razão, não tem necessidade de aceitar a existência necessária como uma perfeição mas como uma condição necessária da perfeição. Esta foi uma percepção metafísica imprescindível para a formulação da prova modal ‘vitoriosa’ em que o mesmo ser possui todos os predicados de um modo absoluto em cada um dos mundos. É o conceito de grandeza divina que aqui é refeito. (PEREIRA, 2009, p. 349).

Na versão de Plantinga do argumento ontológico modal, o filósofo busca apresentar argumentos lógico-dedutivos que expliquem a existência de Deus, agregando ao argumento anselmiano as leis da lógica modal, no sentido de justificar a existência de Deus, amparado pelo raciocínio abstrato. Cabe salientar que, apesar do esforço de Plantinga em buscar apresentar provas insofismáveis, ele não chega a atribuir ao seu argumento um status de ‘prova da existência’, mas, apenas entende como uma ‘razoabilidade à crença’. A partir de então, seguem suas premissas e conclusão de sua versão modal ‘vitoriosa’, conforme pontua Pereira:

- (1) Há um mundo possível no qual a grandeza insuperável está exemplificada.
- (2) A proposição “uma coisa tem uma grandeza insuperável se e somente se tem a máxima excelência em todo mundo possível” é necessariamente verdadeira.
- (3) A proposição “o que tem a máxima excelência é onipotente, onisciente, e moralmente perfeito” é necessariamente verdadeira.
- (4) A posse da grandeza insuperável está instanciada em todo o mundo. A premissa (1) é a principal e para o autor é verdadeira. As premissas (2) e (3) desenvolvem analiticamente o conteúdo de grandeza insuperável. A (4) pressupõe a definição da noção de propriedade universal. De (1), (2) e (3) conclui-se (5). O que é relevante é saber se a premissa principal – “a grandeza insuperável está possivelmente exemplificada” (que tem uma essência que implica grandeza insuperável) - é verdadeira. Plantinga julga que sim e que o argumento não é circular, não é uma petição de princípio. Esta acusação não é lógica porque: não está em causa a validade da forma argumentativa utilizada, mas o que depende da relação epistemológica que se estabelece entre as premissas e a conclusão. (PEREIRA, 2009, p. 359).

Assim, se apresenta o argumento de Plantinga, que de forma simplificada pode ser estruturado da seguinte forma: É possível que um ser de grandeza máxima (insuperável) exista.



Portanto, se é possível que um ser de grandeza máxima exista, então ele existe em algum mundo possível. Desse modo, se um ser de grandeza máxima existe em algum mundo possível, ele deve existir em todos os mundos possíveis. E, se este ser de grandeza máxima existe em todos os mundos possíveis, ele existe no mundo real. Se este ser de grandeza máxima existe no mundo real, então ele existe. Conclusão: um ser de grandeza insuperável existe, ou seja, Deus existe.

Considerando que as premissas apresentadas por Plantinga são verdadeiras, supomos que, necessariamente, sua conclusão é verdadeira; desse modo, o argumento, em sua estrutura apresentada, é válido. Alvin apresenta um argumento forte para provar a probabilidade da existência de Deus ou da razoabilidade da crença em Deus.

Considerações finais

Neste escrito, abordamos a existência de Deus no argumento de Santo Anselmo e de Alvin Plantinga, bem como as premissas apresentadas, buscando verificar a contribuição do argumento de Plantinga e sua influência no sentido de confirmar a validade do argumento anselmiano, quanto à existência de Deus.

No *Proslogion*, analisamos o argumento de Santo Anselmo, sobretudo no segundo e terceiro capítulo, onde Santo Anselmo, pela fé, atribui uma noção de Deus, como ‘alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado’, portanto, existente no intelecto e na realidade; bem como, que ‘é impossível pensar que Deus não exista’; sendo assim, apresentada a fórmula positiva no capítulo II, de que Deus existe necessariamente.

No contexto do argumento ontológico modal de Alvin Plantinga, ele acrescenta ao argumento de Anselmo as leis da lógica modal que atuam de modo similar a uma prova matemática, buscando provar a existência de Deus, se valendo apenas do raciocínio abstrato, busca mostrar a validade de sua principal premissa de que ‘há um mundo possível em que a máxima grandeza é instanciada’.

Portanto, o argumento de Plantinga contribui para confirmar o argumento anselmiano, quanto à existência de Deus, mas, se valendo de outra premissa. Na concepção ontológica de Anselmo, Deus é apresentado como ‘o ser do qual não é possível pensar nada maior’. Plantinga, buscar provar a existência de Deus através das propriedades de ser ‘maximamente grandioso’ e de ser ‘maximamente excelente’, apresentando o grau máximo de toda qualidade possível; seu argumento modal, busca mostrar, como válida e racional a sua principal premissa, de que ‘há um mundo possível em que a máxima grandeza é instanciada’.



Assim, verificamos que Plantinga não faz distinção entre um argumento puramente ontológico e outro puramente modal, ele entende que um argumento implica o outro, chegando a conclusão de que, ‘um ser de grandeza insuperável existe’. Ele muda o caminho, vale-se do argumento ontológico e modal e valida-o, fortalecendo o argumento anselmiano.

Ressaltamos, portanto, a relevância das contribuições do argumento do Arcebispo de Cantuária para a filosofia religiosa, dada a importância do *Proslogion*, obra constantemente revisitada ao longo dos séculos, despertando a atenção e interesse de céticos, ateus e ascéticos pelo tema, bem como, as imprescindíveis contribuições de Alvin Plantinga, ressignificando e confirmando o argumento anselmiano, no contexto da filosofia analítica do século XX.

Referências

ANSELMO, Santo, *Proslogion seu Alloquium de Dei existentia*. Trad.: José Rosa. Covilhã: Textos Clássicos de Filosofia, 2008. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/anselmo_cantuaria_proslogion.pdf. Acesso em: 5 de outubro de 2022.

GLYMOUR, Clark. *Thinking things through: an introduction to philosophical issues and achievements*. 2.ed. Cambridge: MIT Press. London. 2015. Disponível em: http://perso.ens-lyon.fr/jacques.jayez/Cours/Proving/Proving_Glymour. Acesso em 25 de setembro de 2022.

GOMES, Nelson. G. *O argumento ontológico de Plantinga*. Veritas, v. 56, n. 2, maio/ago. Porto Alegre. 2011. p. 47-53. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/10356>. Acesso em 21 de setembro de 2022.

LIBERA, Alain. *Anselmo de Cantuária*. In.: Dicionário dos Filósofo. Denis Huisman (diretor de publicação) . São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINES, Paulo. A racionalidade da fé no *Proslogion* de Santo Anselmo. *Philosophica*, 34, Lisboa, 2009, p. 37-56. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/24173>. Acesso em 30 de setembro de 2022.

PEREIRA, Maria Helena Reis. Norman Malcolm e Alvin Plantinga: duas versões analíticas do argumento do *Proslogion* de Santo Anselmo. *Philosophica*, 34, Lisboa, 2009, p. 333-355. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/24203>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

ROSA, José Silva; PEREIRA, Maria Helena Reis. *Proslogion Santo Anselmo – Texto integral, leitura orientada e propostas de trabalho*. 2.ed. Lisboa. 1997. Disponível em: <https://docplayer.com.br/142990506-Proslogion-texto-editora-santo-anselmo-jose-silva-rosa-maria-helena-reis-pereira.html>. Acesso em 27 de setembro de 2022.

WILLKINSON; Michael B.; CAMPBELL Hugh N. *Filosofia da religião: uma introdução*. Paulinas. 2014.



Recebido: 07-10-2022

Aceito: 26-12-2022